

consideração por uma amizade antiga, o neutro estava na obrigação de ser seu aliado, e daí vai um passo até que chegue a odiá-lo por ter faltado a esse dever. O outro beligerante, por sua vez, desprezará o neutro, por achá-lo covarde e irresoluto. E, com isto, o soberano terá de um só golpe obtido a reputação de ser um mau amigo e um fraco inimigo, e qualquer dos beligerantes que saia vencedor lhe causará o mal que lhe aprouver. À medida que a guerra progride, aumentam os motivos de ódio contra o neutro. Na maior parte das vezes este se encontra em situação de poder ajudar ou prejudicar de vários modos um dos beligerantes. Portanto, desde que tenha rebentado a guerra, não demorará muito para que o neutro se veja obrigado a ajudar secretamente e sem honras para si, o lado a que ele não tenha querido aderir abertamente; e, ainda que ele não faça isso, todos estarão certos de que ele o estará fazendo.

(Carta a Francesco Vettori, de 22 de dezembro de 1514. Em *O pensamento vivo de Maquiavel*, 265/267. Apresentação de Carlo Sforza; trad. de Rubens Gomes de Souza. São Paulo, Martins, 1965.)

*

* *

VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

FRANCISCO NARDY FILHO (1879 – 1959)

A propósito do centenário de Francisco Nardy Filho, transcorrido em março do corrente ano, o responsável por esta publicação estampou no “Correio Popular”, de Campinas, a nota RECORDANDO UM HISTORIADOR LOCAL, aqui transcrita:

Há poucos dias a cidade de Itu, pelos seus órgãos representativos, inclusive os poderes públicos, prestou significativa homenagem a Francisco Nardy Filho, pelo transcurso de seu centenário. Gostaria de ter estado presente às comemorações, mas infelizmente o honroso convite com que fui distinguido pelo senhor Prefeito Municipal chegou com atraso. Não tive o privilégio de conhecer pessoalmente o Chiquito Nardy, que é como seus íntimos o chamavam, ou o F. Nardy Filho, como cerimoniosamente assinava suas crônicas em “O Estado de São Paulo”, bem como os livros que publicou. Mas conheci tanta gente de suas relações e que bem o conheceram, que é como se eu próprio o houvesse conhecido. Desde mestre Afonso de Taunay até alguns amigos ituanos

da velha guarda, como o saudoso Paulo Rocha Pinto e o ainda felizmente bem vivo Corinθο Pereira de Toledo, que, com seus oitenta janeiros, continua petronizando pelas ruas de nossa cidade, a lembrar-nos que os grandes paulistas das velhas tradições, mercê de Deus, não desapareceram de todo.

Mas, se não o conheci pessoalmente, fui leitor assíduo de suas crônicas no grande jornal de Júlio Mesquita, bem como consulente freqüente, por necessidade e por prazer, de seus quatro volumes sobre a velha terra ituana. “Aparentemente, F. Nardy Filho foi um modesto cronista provinciano”, lembrou no dia de seu centenário a nota que lhe consagrou o jornal em que, por tantos anos, colaborou. Mas, é o mesmo articulista quem acrescenta que, na realidade, foi um historiador de pulso, a merecer, neste centenário, o levantamento de sua obra dispersa, e ainda a reedição de seus livros, verdadeiros clássicos da nossa história local.

Homem de arquivo, pois durante muitos anos teve a seu cargo a direção do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, Nardy Filho não foi apenas um guardador de papéis, mas um pesquisador de faro, que soube tirar dos documentos toda a lição que eles pudessem oferecer. Eis por que seus livros sobre a cidade de Itu, bem como suas crônicas em “O Estado”, carregam um profundo conteúdo humano, sendo, portanto, do maior interesse para a história social e cultural da região e dos assuntos estudados. Pesquisador nato, nunca precisou freqüentar escolas ou enveredar pelos meandros da teoria e da metodologia para fazer boa história. Sempre tive uma profunda simpatia pelos historiadores locais e sempre tive em mira valorizar-lhes a obra, aproveitando-a com freqüência, e tirando dela elementos substanciais para a compreensão verdadeira e plena do processo histórico de nosso país. Uma relação desses historiadores locais nos apresentaria uma rica galeria de verdadeiros construtores da nossa historiografia. Aqueles que, pedra a pedra, vão contribuindo para a construção do grande monumento que será nossa historiografia, o dia em que ela puder ser escrita não para servir a ideologias, mas para servir à verdade e à humanidade. Entre esses, creiam os leitores, o velho Chiquito Nardy fará boa figura. (23/3/1979.)

*

* *

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista, às sextas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica indicam-se as datas em que foram publicadas.)